

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO DO PORTO

Teatro Carlos Alberto 6-16 Nov 2014



TEXTO E DIREÇÃO
**ANA VITORINO
CARLOS COSTA**

CRIAÇÃO
VISÕES ÚTEIS

Interpretação Ana Vitorino,
Carlos Costa, Catarina Ribeiro Santos,
Cristóvão Carvalheiro

BIODEGRADÁVEIS

cenografia e figurinos Inês de Carvalho
banda sonora original, sonoplastia,
vídeo e grafismos João Martins
desenho de luz José Carlos Coelho
coreografia Catarina Ribeiro Santos,
Cristóvão Carvalheiro (Porta 27)
coordenação de produção
Mário Freitas

coprodução Visões Úteis, TNSJ
apoio teatral Instituto de
Patologia e Imunologia Molecular
da Universidade do Porto, I37s -
UMinho - Biomateriais, Biodegradáveis
e Biominérgicos

quz-sáb 21:30 dom 16:00
dur. aprox. 1:30
M/16 anos

bilhetes Fnac, TNSJ, TeCA, www.tnsj.pt



www.tnsj.pt
Linha Verde 800 00 4812

"**Biodegradáveis**" apresentou-se **de 6 a 16 de novembro de 2014 no Teatro Carlos Alberto** no Porto, numa **coprodução com o Teatro Nacional São João**.

texto e direção **Ana Vitorino, Carlos Costa**

cenografia e figurinos **Inês de Carvalho**

banda sonora original, sonoplastia, grafismos e vídeo **João Martins**

desenho de luz **José Carlos Coelho**

cocriação **Catarina Ribeiro Santos e Cristóvão Carvalheiro (Porta 27)**

interpretação **Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Ribeiro Santos, Cristóvão Carvalheiro**

coprodução **Visões Úteis / TNSJ**

colaboração **Ipatimup – Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto, Grupo 3B's - Biomateriais, Biodegradáveis e Biomiméticos da Universidade do Minho**

apoios **Adão Oculistas, Ornimundo**

O Visões Úteis é uma estrutura financiada por: Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, Direção Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença **Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal**. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

UM

Três seres sentados. O SER 1 tem dificuldade em manter-se direito e parece fraco. O SER 2 senta-se confortavelmente e tem um pacote de grissinis na mão. O SER 3 está encolhido e tem um ar desesperado.

SER 1 – Estão bons?

SER 2 (*afirmativamente, enquanto come*) – Hm hm.

O SER 3 geme.

SER 1 – Como é que tu ficaste com tantos?

SER 2 – Não sei, calhou... (*come*)

O SER 3 geme mais alto.

SER 2 (*para o SER 3*) – Shh!

O SER 3 olha para ela suplicante.

SER 2 – Não venhas outra vez fazer de coitadinho!

SER 3 (*guincha*) – Dá!

SER 2 (*imitando-o*) – Dá!

SER 3 – Dá!

SER 2 – Dá!

O SER 3 geme mais.

SER 1 – Ele está a ficar fraco.

SER 2 – Mas não precisa de fazer tanto barulho!

SER 1 – Tu podias dar-lhe um bocadinho... Se não ele não vai aguentar muito mais.

O SER 3 começa a esticar-se para roubar o bocado de comida que o SER 2 tem na mão.

SER 2 – Eu não posso dar, se não daqui a pouco fico sem nada!

SER 1 – Claro...

SER 2 – Tenho que poupar, já só tenho estes!

SER 1 – Pois, tens razão. “Só” tens esses...

O SER 3 consegue finalmente roubar o resto de grissino da mão do SER 2. Come ferozmente.

SER 2 (*zangada*) – Mau! Mau! Ladrão! Ai, não se faz!

SER 3 – Amiga!

SER 2 – Amiga?

SER 3 (*estendendo a mão*) – Dá! Fome! Amiga!

SER 2 – Pronto, eu dou um bocadinho. Mas é o último!

SER 3 – O último!

SER 2 – O último! (*dá-lhe um bocado de grissino, ele engole rapidamente*)

SER 3 – Mais!

SER 2 – Foi o último!

SER 3 (*estendendo a mão*) – O último!

SER 1 (*para o SER 2*) – Ele não percebe... está a ficar desesperado.

SER 2 – Toma! (*atira um bocado para o chão*)

O SER 3 lança-se ao chão. O SER 1 tenta reagir e ir também, mas não tem reflexos suficientemente rápidos. O SER 3 agarra a comida, volta ao banco e mastiga ferozmente. Faz uma festa no cabelo do SER 2.

SER 3 – Amiga!

SER 2 – É... amiga, mas não me chateies mais!

O SER 3 continua a mexer-lhe no cabelo. Ela fica incomodada.

SER 2 (*para o SER 1*) – Ajuda-me! Faz qualquer coisa para me livrar dele.

SER 1 (*para o SER 3*) – Vem cá!

SER 1 e SER 2 trocam de lugar. O SER 3 estica-se para tentar chegar ao SER 2. O SER 1 agarra-o e impede-o.

SER 1 – Não, não. Descansa um bocadinho agora.

SER 3 (*alto*) – Dá!

SER 1 – Olha, não pode ser assim, à bruta! Temos de nos unir, trabalhar juntos, e tentar convencê-la, percebes?

SER 3 (*esticando-se*) – Sim! Dá! DÁ!

SER 1 – Espera! Ela vai dar, não vai?

SER 2, relutante, dá dois pedaços de grissino ao SER 1.

SER 2 – Não há mais! Estão a ouvir? Acabou!

O SER 1 fica com um bocado e dá o outro ao SER 3.

SER 1 – Agora guarda! Estás a perceber?

SER 3 (*concordando*) – Guarda!

SER 1 – Guarda para depois!

O SER 3 engole o seu bocado de uma vez.

SER 1 (*entredentes*) – És mesmo estúpido.

SER 3 (*para o SER 2*) – Tudo!

SER 2 (*rindo*) – Querias!

SER 3 (*ficando agressivo*) – Quer tudo! Dá tudo! Dá, ou vai doer!

SER 1 – É melhor dar-lhe mais qualquer coisa. Ele tem mais força que nós os dois juntos!

SER 2 (*para o SER 3*) – Pronto, olha: Vai para ali que eu dou-te. (*aponta para longe*)

O SER 3 afasta-se um pouco e com dificuldade na direção que ela apontou. Pára, expectante.

SER 2 – Longe! (*ele afasta-se mais*) Mais longe. (*ele afasta-se mais*) Mais longe. (*ele está já no limite da cena*) Isso! Mais longe! (*ele sai de cena*) Pronto.

O SER 2 continua a comer. O SER 1 olha para o único pedaço de comida que tem na mão, hesita, depois come. Fica fraco, a olhar para ela, preocupado.

SER 2 (*para fora de cena*) – Longe!

SER 1 – Vais ficar sozinha, não tens medo?

SER 2 – Não, também não vos conhecia antes... (*para fora de cena*) Longe!

SER 1 – Ele já está longe. Deixa-o. Temos de começar a pensar no que é que vamos fazer. Não podemos ficar aqui.

SER 2 – Eu estou bem aqui...

SER 1 – Temos de nos abrigar. (*olhando o céu*) O que vem aí não é nada bom. (*tenta mexer-se; não consegue*) Estou sem forças. (*desliza até ficar no chão, fraco*) Não sei se consigo...

O SER 2 come e olha para ele, divertida.

SER 1 (*olhando o céu*) – O que vem aí... é muito mau. (*para ela*) É muito pior que isto! Se não me ajudares, não consigo.

Ela levanta-se lentamente e começa a deitar pedaços de grissinis no chão, enquanto se afasta. O SER 1 arrasta-se atrás dela e vai comendo os grissinis do chão. Parece ganhar forças e ergue-se progressivamente, a cada avanço. Afastam-se juntos.

DOIS

Na floresta tropical. Um pássaro, numa árvore, absolutamente imóvel. Dois investigadores observam ao longe com binóculos. Um deles deixa cair o seu bloco de notas. O outro faz-lhe sinal para fazer silêncio.

INVESTIGADOR 1 (*tomando nota das horas no bloco*) – 21h56.

INVESTIGADOR 2 – Está parado? Não sei se é ele que abana a crista ou se sou eu que oscilo os binóculos...

INVESTIGADOR 1 (*verificando*) – Acho que é a colega...

INVESTIGADOR 2 – Não. Desculpe, mas agora parece estar mesmo a abanar.

INVESTIGADOR 1 (*anotando*) – “Crista parece abanar às 21.57h”

INVESTIGADOR 2 – Leia as notas de ontem à mesma hora, por favor.

INVESTIGADOR 1 (*lendo*) – “Não relevante. Reações imperceptíveis”. Está parado.

Tempo.

INVESTIGADOR 2 – Não acha que a parte detrás da crista está mais clara?

INVESTIGADOR 1 – Não.

INVESTIGADOR 2 – Como descreve a cor atual?

INVESTIGADOR 1 – Amarelo claro?

INVESTIGADOR 2 – E a cor de ontem?

INVESTIGADOR 1 (*consultando notas*) – Amarelo claro.

Tempo.

INVESTIGADOR 1 - Não percebo se ele está expectante ou numa atividade que não descortinamos...

INVESTIGADOR 2 – Mas parece-me estar mais para a nossa esquerda.

INVESTIGADOR 1 – Para a esquerda? Eu diria antes para a direita.

Trocam de lugar um com o outro.

INVESTIGADOR 1 – Coisa estranha.

INVESTIGADOR 2 – Acha que ele fez de propósito para não ficar centrado?

Espanto mútuo. Tempo.

INVESTIGADOR 1 – Ele vai ter que se mexer.

INVESTIGADOR 2 – Vai ter que fazer alguma coisa.

INVESTIGADOR 1 – Não faz nada.

INVESTIGADOR 2 – Não se mexe.

Ouve-se um trovão. Ameaça de chuva.

TRÊS

Um HOMEM e uma MULHER, jovens viúvos, sentados num restaurante num primeiro encontro romântico. Estudam os menus. A mulher tem um anel com uma grande pedra verde.

MULHER – Não sei bem o que pedir, não era eu que escolhia os vinhos...

HOMEM – Tinto?

MULHER – Branco.

HOMEM – Branco.

Tempo.

MULHER – Peixe?

HOMEM – Carne.

MULHER – Frango? Coelho? Vaca? Porco?

HOMEM – Porco não. Não me sinto bem com porco. Tenho porcos na quinta.

Tempo.

MULHER – A música é agradável. Gostas?

HOMEM – Os meus gostos musicais são muito variados. As minhas *playlists* até são contraditórias, pelo menos na aparência. Se calhar nem para mim fazem sentido.

Tempo.

MULHER – Às vezes ainda sinto o cheiro do Pedro, ou algo que me lembra dele.

HOMEM – Eu, quando a Inês morreu, achei que o melhor era arrancar as memórias como se fossem um penso. Rápido.

MULHER – As pessoas morrem-nos muito.

HOMEM – Todas.

MULHER – São números impressionantes, não é?

HOMEM – 100%.

MULHER – O facto de termos... de acontecermos... de vivermos, de não podermos, ... de morrermos... (*perde-se na frase*)

HOMEM – Eu tento não pensar muito nisso... Como é que te despediste do Pedro? Depois de...

MULHER (*mexendo no seu anel*) – Se calhar não sabes, mas é possível extrair o carbono que existe nos restos do corpo, pressioná-lo e transformá-lo numa pedra que depois pode ser colocada num anel ou num colar. É um diamante... sintético mas é um diamante. Eu fiz o meu na *Memorial Diamonds*. A maioria dos diamantes sai azul, por causa dos componentes do corpo humano, mas de vez em quando lá aparece um diamante amarelo ou verde. Os técnicos não conseguem explicar porquê. (*mostra-lhe o anel*) O Pedro saiu-me verde. (*pausa*) Achas estranho?

HOMEM – Não, não. Acho... acho... (*não encontra a palavra*)

MULHER – Digno? Eterno? Sempre comigo?

HOMEM – Sim. Eram essas as palavras que me faltavam.

MULHER – E tu? O que fizeste à Inês?

HOMEM – No caso da Inês, o que ela mais queria era uma cremação ecológica.

MULHER – Ecológica como?

HOMEM – Mergulhas o corpo numa solução alcalina e ele liquefaz-se em poucas horas. *(tentando justificar)* É o mesmo processo que acontece debaixo da terra, mas mais rápido.

MULHER – E depois?

HOMEM – Depois? Depois vai pelo esgoto abaixo, como quando se puxa um autoclismo.

MULHER – Pelo esgoto? Mandaste a tua mulher... mandaste a Inês pelo esgoto?

HOMEM – Não, não, que ideia. Isso é o procedimento *standard*. *(pausa)* A Inês dava muita importância à sua última vontade... e era muito ligada à quinta e aos animais...

MULHER – Aos animais?

HOMEM – Aos porcos. Muito ligada aos porcos. Ela queria mais que uma solução ecológica. Queria que no fim o seu corpo fosse útil. Portanto... dei-a a comer aos porcos...

MULHER – Deste a Inês aos porcos?

HOMEM – A Inês não! A solução em que ela se desfez... misturei-a na ração dos animais que... comeram normalmente. *(pausa)* Achas estranho?

Tempo. A música do restaurante sobe de intensidade romântica. A mão dele avança na direção da dela.

QUATRO

INVESTIGADOR 2 *(pousando os binóculos)* – Eu vou avançar!

INVESTIGADOR 1 – Não faça isso!

INVESTIGADOR 2 – Cubra-me.

INVESTIGADOR 1 – Não colega, pense bem.

INVESTIGADOR 2 – Cubra-me.

INVESTIGADOR 1 – Não deite tudo a perder.

INVESTIGADOR 2 aproxima-se do pássaro.

INVESTIGADOR 1 – Temos de ter paciência.

INVESTIGADOR 2 – Eu vou passar o limite.

INVESTIGADOR 1 – Não, não faça isso. É um risco muito grande.

INVESTIGADOR 2 avança e coloca-se ao lado do pássaro. Imita a sua posição.

INVESTIGADOR 2 – Ele está a ver-me? Está a ver-me?

INVESTIGADOR 1 – Acha que essa estratégia é eficiente?

INVESTIGADOR 2 – Vou interagir.

INVESTIGADOR 1 – Não faça isso!

INVESTIGADOR 2 emite um barulho de pássaro.

INVESTIGADOR 1 – Não interaja! Vai invalidar os resultados!

INVESTIGADOR 2 olha de frente para o pássaro.

INVESTIGADOR 1 – O que vê? Diga-me, o que vê?

Tempo.

INVESTIGADOR 2 – Vejo coisas magníficas!

O INVESTIGADOR 2 aproxima-se do colega. Juntos pegam no pássaro e colocam-no cuidadosamente numa gaiola.

CINCO

Entra uma MULHER jovem, de ar tímido. Traz uns cartões de tópicos para uma apresentação. Dirige-se à plateia, nervosa.

MULHER – Boa noite. Eu estou aqui para falar da necessidade da castração na 3ª idade. É... ãn... uma questão muito... importante, porque... ãn... por vários motivos. (*consulta um cartão*) Ao nível da prevenção de possíveis problemas para o idoso, ãn... sabemos que o... a... os níveis de excitação que o idoso pode experimentar podem... ãn... não são benéficos para uma série de situações de saúde, muito comuns na terceira idade, como é o caso dos problemas cardíacos. Nesse sentido, ao eliminar a possibilidade da excitação, ãn... sexual, estamos a prevenir que o idoso se sinta mal e possa mesmo... ãn... ficar gravemente... ãn... ser uma situação grave. (*consulta outro cartão*) Para os familiares, isto é também uma questão importante, porque... os familiares desejam que o seu idoso tenha uma velhice serena, calma, e este tipo de... ãn... é uma... é um estado que pode causar preocupação, e isso não oferece descanso aos... aos familiares do idoso. (*consulta outro cartão*) Pode também causar... essa excitação... com essa excitação vem também muitas vezes uma grande frustração para o... o idoso... que muitas vezes sente que não consegue... já não é capaz... que as suas

capacidades físicas já não correspondem aos seus... àquilo que ele deseja... desejaria fazer... ãn... e isso, ãn... causa grande insatisfação e até, ãn... alguma vergonha. (*consulta outro cartão*) Por exemplo, sabemos que muitas vezes o idoso... os idosos, ãn... a incontinência é um problema comum na terceira idade, o que pode causar muito desconforto para a pessoa que... que está com o idoso e, ãn... provocar situações de embaraço e... falta de higiene.

Tempo. Ela observa a plateia, ansiosa. Olha os cartões, parecendo perdida. Respira fundo e prossegue.

MULHER – Muitas vezes, nos lares, também encontramos situações muito desagradáveis... quando os idosos... ãn, por exemplo, quando há assédio do pessoal, ãn... o velho pode tentar assediar, por exemplo, a jovem que trabalha no lar e isso... não é desejável... e por vezes até, mesmo que a jovem também concorde, ãn... pode gerar situações de... más para o velho que já não consegue... que não consegue... fazer. (*ela parece ainda mais ansiosa; consulta outro cartão*) Ao nível da pornografia: os velhos às vezes não... ãn... ãn... (*engole em seco, sem conseguir terminar; consulta o último cartão*) Portanto, para resumir: Saúde, Segurança e Higiene. Obrigada.

SEIS

Um RATO está sentado ao lado de um cientista. Tem um cartaz onde se lê “Saúde, Segurança e Higiene. Ratos unidos em greve”.

DIRETOR – Ora então, a que se deve...

RATO (*interrompe*) – Exigimos uma melhoria imediata das nossas condições de trabalho! E se não responderem às nossas reivindicações, iniciaremos um período de greve com carácter imediato e de duração indeterminada!

DIRETOR – Greve? (*ri-se*) Vocês não podem fazer greve!

RATO – Ai não, que não podemos!

DIRETOR – Muito bem, minha cara... ãn, dona... menina, ratinha...

RATO – O meu nome é COL52.

DIRETOR – Cara COL52...

RATO – Mas pode tratar-me por “Senhora Delegada Sindical”, pois é nessa função que aqui estou.

DIRETOR – Hm, então... cara delegada... cara 52, quais são exactamente as vossas queixas?

RATO – Muitas! As coisas lá em baixo no Biotério estão muito mal! Passamos frio! A comida não chega! As condições de higiene são duvidosas!

DIRETOR – Eu peço desculpa, mas as condições do Biotério seguem um protocolo rigoroso!

RATO (*entredentes*) – Rigoroso...pff!

DIRETOR – A temperatura, por exemplo, é controlada diariamente.

RATO – E os fins-de-semana?

DIRETOR – O que é que têm os fins-de-semana?

RATO – Pois, para vocês não têm nada porque vão para casa ver séries na televisão, mas nós estamos ali fechados dois dias seguidos, e se tiverem regulado mal o termóstato quem se lixa é o rato! Peço desculpa...

DIRETOR – Cara 52, os meus registos dizem...

RATO (*interrompe*) – Ah, o senhor doutor fia-se nos registos, não é? Pois, os registos são muito bonitos, mas o que se passa lá em baixo é outra história! Aposto que diz aí que à sexta-feira os investigadores saem todos ao fim da tarde, na mesma... É, nós bem os vemos a sair “para almoçar” e depois a voltar do almoço na segunda-feira seguinte! Pff! As coisas que nós vemos e que você não fazem ideia, ui ui!

DIRETOR – Oiça, 52...

RATO (*interrompe*) – Ainda no outro dia houve uma investigadora que entrou no Biotério sem ter trocado de roupa, numa clara violação das regras de higiene! E tinha o casaco cheio de pêlos de gato! Não pode ser! E a outra loirinha, sueca ou lá o que é, que está sempre a levar o telemóvel lá para dentro!

DIRETOR – Pronto, mas deixe-me...

RATO (*interrompe*) – E os compartimentos são apertados para a quantidade de ratos que põem em cada um! Nós até somos uma comunidade muito unida, mas torna-se desconfortável! E ainda por cima às vezes põem muito juntos ratos de experiências diferentes, e gera situações muito desagradáveis!

DIRETOR – 52...

RATO (*interrompe*) – Ficam os ratos do cancro a olhar para os ratos que têm orelhas a crescer nas costas, e os ratos das infeções a olhar para os das vitaminas... Isto, psicologicamente, é terrível!

DIRETOR – MINHA CARA 52! Agora vai calar-se um bocadinho e deixar-me falar!

RATO (*encolhendo-se*) – Eu peço desculpa, faça favor, senhor diretor.

DIRETOR – Afinal, estamos todos juntos a colaborar para uma causa muito nobre, ou não estamos?

RATO – Pois estamos, se não eu nem sequer estava aqui...

DIRETOR – Bom... Segundo os registos internos, os protocolos têm sido seguidos à risca...

RATO (*interrompe, para o lado*) – É, é!

DIRETOR – MAU!

RATO (*disfarçando*) – Eu não falei, só fiz “ahem,ahem”... (*finje aclarar a garganta*)

DIRETOR – Como eu estava a dizer, não temos razões para considerar que haja problemas nas vossas condições. Mas estou disposto a ouvir as suas reivindicações e a transmiti-las ao resto da Direção, para ponderarmos se é necessário tomar medidas. Portanto, para além do que já mencionou, têm mais alguma crítica ou exigência?

RATO – Temos pois! (*aclara a garganta*) Exigimos que a quantidade de comida seja proporcional ao esforço de cada rato!

DIRETOR – Mas a quantidade de comida está regulamentada.

RATO – Por quem?

DIRETOR – Pelos regulamentos da Universidade.

RATO – E esses lá da Universidade sabem o que é levar com uma injeção nos olhos, para decidirem quanto é que se deve comer depois? Aposto que não, vão ao restaurante e já está! Mas o rato que está em sofrimento sempre merece um miminho, ou não merece? Uma injeção nos olhos custa muito!

DIRETOR – E que mais?

RATO – Música!

DIRETOR – Música?

RATO – Sim, o ambiente às vezes é muito pesado. Nós sabemos que estamos condenados; custa alguma coisa ter uma musiquinha agradável, serena, para facilitar o dia-a-dia? Um Bach, por exemplo... é bonito!

DIRETOR – Mas isso pode interferir na monitorização de outros parâmetros, e para além disso é impossível escolher uma música que agrade a todos!

RATO – E funerais!

DIRETOR – Funerais? Está doida? Já viu a logística que isso implicava?

RATO – Pronto, não digo funerais mesmo, mas pelo menos algumas palavras no fim, um adeus, um “Obrigado rato, nunca te esqueceremos!”. E também não custava nada mencionarmos nos artigos que vocês escrevem com os resultados das experiências! Nem que fosse em nota de rodapé! “Quero agradecer a todos os ratinhos que heroicamente deram a vida no decurso desta experiência”. Era o mínimo! O mínimo não, que o mínimo era pagarem-nos um salário... Era o mínimo dos mínimos!

DIRETOR – Mais alguma coisa?

RATO – Música! (*confusa*) Já disse? E, e... acho que acabei. (*parece cansada*)

DIRETOR – Sente-se bem, 52?

RATO – Estou um bocadinho baralhada. Acho que foi daquele líquido azul que me deram lá fora... Portanto: venho aqui em representação de todos os... *(olha para o cartaz)* ratos... Falta-me dizer qualquer coisa... Portanto: temperatura, música ambiente, condições de higiene, comida proporcional ao esforço, e... e...

DIRETOR – Relaxe, respire fundo.

RATO – Mais espaço entre os ratos, menções nos artigos, agradecimentos, “Obrigado rato, nunca te esqueceremos!”... acho que agora acabei. *(fica abatida)*

DIRETOR *(fazendo-lhe festinhas nas costas)* – Muito bem! Quem é linda, quem é?

RATO *(baralhada)* – É a 52?

DIRETOR – E quem é a 52?

RATO – ãn... é... não sei...

DIRETOR – E o que é que veio cá fazer?

RATO – ãn... trago as rei... *(tenta ler o cartaz)* reivi... vi... Eu não estou a ver muito bem...

DIRETOR – E então o que é que veio cá fazer?

RATO – ãn... Levar uma injeção nos olhos?

DIRETOR – Muito bem!

SETE

Uma mulher jovem; traz vestida uma bata e uns protetores nos pés. Ouve-se um som de calma, harpas e ondas. Entra uma voz em off.

VOZ – Catarina?

ELA *(nervosa)* – Sim?

VOZ – Está tudo bem?

ELA – Tudo!

VOZ – Tente relaxar. Mas lembre-se que é fundamental que não se mexa.

ELA – Ok.

VOZ – Se sentir as mãos ou os braços dormentes; pode pousá-los na barriga. Mas sem mexer o resto do corpo.

ELA – Ah, ok. *(ela experimenta)*

VOZ – Muito bem.

ELA *(surpreendida)* – Estão a ver-me?

VOZ – Estamos sempre a vê-la. Já sabe que, se precisar de alguma coisa, basta apertar a campainha.

ELA – Sim.

VOZ – Vamos começar então.

Ouve-se o barulho de uma máquina. Ela franze os olhos fechados, incomodada. Toca a campainha. O barulho da máquina pára.

VOZ – Está tudo bem, Catarina?

ELA – Eu... eu posso fechar os olhos?

VOZ – Claro. Vamos continuar?

ELA – Sim. *(fecha os olhos com força)*

A máquina recomeça a emitir o barulho. Ela aguenta, de olhos fechados. Contorce a cara. Toca a campainha. O barulho pára.

VOZ – Catarina?

ELA *(um pouco mais alto que o necessário)* – Sim?

VOZ – Está tudo bem?

ELA – Está a doer-me um pouco a cabeça, é normal?

Silêncio.

ELA *(mais ansiosa)* – É normal?

VOZ – Sim, Catarina, é normal. Vamos continuar?

ELA – Ok.

O barulho regressa. Ela fecha novamente os olhos; aperta e roda as mãos, tentando manter o resto do corpo imóvel. Subitamente aperta a campainha.

VOZ – Está quase. Não se mexa.

O barulho continua. Ela aperta a campainha repetidamente.

VOZ – Está quase a acabar. Não se mexa! Está a ouvir? NÃO SE MEXA!

O barulho aumenta ainda mais. Ela contorce as mãos, os pés, os músculos da cara. O barulho pára abruptamente. Ela cai no chão.

VOZ – Catarina?

Som de ondas e de harpa.

VOZ – Catarina?

Ela não se mexe.

VOZ – Correu muito bem.

OITO

Dois amigos; um deles preenche o Testamento Vital.

AMIGO 1 (*lendo*) – “O presente documento traduz a minha manifestação antecipada da vontade consciente, livre e esclarecida, no que concerne aos cuidados de saúde que desejo receber, ou que não desejo receber, no caso de, por qualquer razão, me encontrar incapaz de expressar a minha vontade pessoal e autonomamente.”

AMIGO 2 – Sim.

O AMIGO 1 olha para ele, confuso.

AMIGO 2 – Põe “sim”.

AMIGO 1 – Não, isto não é uma pergunta. É só a introdução (*mostra-lhe*).

AMIGO 2 – Ah, ok. Parece o formulário que eu preenchi para a TV Cabo...

AMIGO 1 – É... parece. Mas é um bocadinho mais sério. Portanto: nome, data de nascimento, etc, isto eu preencho depois... (*lendo*) “Pretendo nomear meu Procurador de Cuidados de Saúde” – nome.

Silêncio. O AMIGO 1 olha para o AMIGO 2 fixamente. Este não percebe.

AMIGO 1 – Estava a pensar que... podias ser tu.

AMIGO 2 (*assentindo, pouco convencido*) – Hm hm.

AMIGO 1 – Como és um amigo próximo... e és um bocado mais maduro do que o resto do pessoal...

AMIGO 2 (*ligeiramente ofendido*) – Hmm...

AMIGO 1 – És, pronto, alguém em quem eu confio para tomar decisões importantes. Se eu não puder decidir por mim. Se estiver incapaz de me expressar.

AMIGO 2 (*gozando*) – Incapaz de te expressares? Tipo, quando estiveres com os copos?

AMIGO 1 – Não!

AMIGO 2 – Quando tu estiveres com os copos, o mais provável é eu estar também! (*ri-se*)

AMIGO 1 – Eu estou a falar a sério! Imagina que eu fico em estado de coma...

AMIGO 2 (*subitamente sério*) – Ei, isso é mesmo para morrer!

AMIGO 1 – Claro, isto é o Testamento Vital!

AMIGO 2 (*contrariado*) – Pronto, está bem, eu sou o teu Procurador! Põe lá o meu nome!

AMIGO 1 – Obrigado. (*escreve*)

AMIGO 2 – Para que é que já estás a pensar em testamentos? Um tipo tão novo... estás doente e não me disseste nada?

AMIGO 1 – Não, eu só estou a fazer isto por precaução. Portanto: (*lendo*) “Situação Clínica em que a DAV produz efeito”

AMIGO 2 – O que é a DAV?

AMIGO 1 – É isto!

AMIGO 2 – Então não era “Testamento”?

AMIGO 1 – É a mesma coisa! (*mostra-lhe*) “Diretiva Antecipada de Vontade”. Portanto... eu aqui se calhar escolhia todas.

AMIGO 2 – Eh, não faças isso! Isso foi o que eu pus lá no papel da TV Cabo, e fiquei cheio de canais que não quero para nada!

AMIGO 1 (*irritado*) – Mas isto não é uma *box*, é a vida! E eu aqui não pago nada!

AMIGO 2 – Ai isto não se paga nada? Fixe... É, escolhe todas.

AMIGO 1 – Portanto: (*lendo*) “Cuidados de saúde a receber/não receber”.

AMIGO 2 – É para riscar o que não interessa?

AMIGO 1 – Pois... não percebo.

AMIGO 2 – Não risques já; quais são as opções?

AMIGO 1 – Agora são mesmo as situações em que eu tenho de dizer o que quero. Portanto: (*lendo*) “Não ser submetido a reanimação cardiorrespiratória”

AMIGO 2 – Mas tu queres!

AMIGO 1 – Claro! (*assinala*) “Não ser submetido a meios invasivos de suporte artificial de funções vitais.”

AMIGO 2 – Queres!

AMIGO 1 – Não! Estás maluco?

AMIGO 2 – O que é que eles querem dizer com “invasivos”?

AMIGO 1 – É meterem-te tubos pela garganta dentro, aquilo faz uma aflição só de imaginar! Não quero nada disso!

AMIGO 2 – Por ser na garganta? Se for noutra sítio já não te importas?

AMIGO 1 – Que outro sítio?

AMIGO 2 – Sei lá... pela uretra, por exemplo.

AMIGO 1 – Estás a gozar? Tu conheces algum procedimento em que se salva uma vida enfiando-se um tubo pela uretra?

AMIGO 2 – Sei lá eu! Não sou médico! Eu preciso de esclarecer estas coisas, vou ser o teu Procurador! Depois, nesse dia, tu vais estar apagado, o médico vem ter comigo a dizer que vai ter de ser invasivo e o que é que eu digo? “Onde é que o sotô lhe quer enfiar o tubo? É que se for na garganta não pode, porque ele não queria isso, mas se for pela uretra siga, que ele não se importava”?

AMIGO 1 (*hesita*) – Eu vou-me informar melhor e logo preencho esta... (*lendo*) “Não ser submetido a medidas de alimentação e hidratação artificiais que apenas visem retardar o processo natural de morte”. Não quero isto.

AMIGO 2 – Não queres água?

AMIGO 1 – Se estiver a morrer e não houver nada a fazer, não!

AMIGO 2 – Mas imagina que é véspera de Natal e tu estás quase a morrer, mas com uma aguinha até te aguentavas mais uns dias? Vais obrigar o pessoal a enterrar-te no Dia de Natal, quando podias esperar mais um bocadinho? É deprimente!

AMIGO 1 – Desculpa, eu aqui vou ser mesmo egoísta!

AMIGO 2 – Ok... (*pausa*) O Procurador depois pode mudar isso?

AMIGO 1 olha-o de forma ameaçadora e continua a ler.

AMIGO 1 – “Participar em estudos de fase experimental...”, “Não ser submetido a tratamentos que se encontrem em fase experimental”, “Recusar a participação em ensaios clínicos...”... Isto parece tudo a mesma coisa!

AMIGO 2 (*observando o documento*) – Isto está tudo mal perguntado! Numa diz “não ser submetido”, noutra “recusar a participação”... Porque é que não usam os mesmos verbos?

Olham os dois o documento, hesitantes.

AMIGO 2 – Passa à frente e voltas a estas no fim, como nos testes.

AMIGO 1 (*lendo*) – “Não autorizar administração de sangue ou derivados.”

AMIGO 2 – Essa é para os Jeovás.

AMIGO 1 – Autorizo. “Receber medidas paliativas, hidratação oral mínima ou subcutânea.” Acho que sim...

AMIGO 2 – Ai, há bocado não querias água e agora já queres?

AMIGO 1 – É uma água diferente. Aqui não é para salvar a vida, é uma água só para não sofrer.

AMIGO 2 – Ah, assim tipo molharem-te os lábios se estiverem secos? É, diz que queres.

AMIGO 1 – “Serem administrados os fármacos necessários para controlar dores...” Drogas, sim! *(assinala)* “Receber assistência religiosa quando se decida interromper...” Padres não! “Ter junto de mim, quando se decida interromper meios artificiais de vida, a pessoa que aqui designo: nome” *(pausa)* Isto é... a pessoa que eu quero lá quando... para me segurar a mão e assim...

AMIGO 2 – Põe “namorada”.

AMIGO 1 – Eu não tenho namorada.

AMIGO 2 – Pois, mas entretanto podes arranjar uma.

AMIGO 1 – Eu tenho de dizer quem é a pessoa, pôr o nome, o contacto...

AMIGO 2 – Ah, então não dá...

Silêncio.

AMIGO 1 *(abruptamente)* – Eu quero a minha mãe!

Silêncio desconfortável.

AMIGO 2 – Pronto... Tens a certeza?

AMIGO 1 – Quero a minha mãe!

AMIGO 2 – Ok...

Silêncio desconfortável.

AMIGO 1 – E pronto. Só falta uma: *(lendo)* “Outras considerações pessoais ou eventuais motivações das minhas decisões.”

NOVE

A DIRETORA de uma clínica atende a jovem MULHER que fez a Ressonância.

DIRETORA – Pois é Catarina. Catarina... Pois é, pois é. Catarina.

MULHER – Eu vinha à espera de um número.

DIRETORA – Qual?

MULHER – O pior.

DIRETORA – E o pior é o quê?

MULHER – 99.

DIRETORA – 99%? E vinha preparada para isso?

A MULHER encolhe os ombros.

DIRETORA – E com que número é que saía daqui perfeitamente descansada? E não diga zero, isso não existe.

MULHER (*hesitante*) – 10.

DIRETORA – 10% e saía daqui totalmente descansada?

MULHER – Totalmente não...

DIRETORA – Só um pouco?

MULHER – Pronto... bastante descansada...

DIRETORA – E com que número é que não sentia nem uma coisa nem outra?

MULHER – Nem uma coisa nem outra? 49... não, 50...é engraçada a diferença que pode fazer 1 ponto.

DIRETORA – Agora é que colocou os pontos nos ... (*faz o gesto de colocar os pontos nos i's*)
E com que número é que pensava “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”

MULHER – “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”... Talvez 74.

DIRETORA – Bom, eu vou dizer-lhe, Catarina: a probabilidade de cancro para si é de 68%.

MULHER – 68%!

DIRETORA – Mais ou menos a meio entre o sentimento indefinido e o “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”.

MULHER – O meu número é o 68.

DIRETORA – E é a partir deste número que vamos ter que tomar decisões. Como é que encara a vida, Catarina?

A MULHER encolhe os ombros.

DIRETORA – Para mim, Catarina, o que interessa é a vida. E o contrário da vida é a morte. E a morte é o final. A vida para mim é transformação. Enfim, mas isto é para mim...

MULHER – É uma decisão complicada...

DIRETORA – É! É e... devia ser tomada hoje.

MULHER – Hoje?

DIRETORA – Sim, porque hoje estamos com uma promoção de 60% em todas as mastectomias preventivas, que visa premiar as pacientes que decidem depressa. Se decidir hoje, eu posso tê-la numa marquesa depois de amanhã.

MULHER – Pôssa!

DIRETORA – E se avançar damos-lhe 90% de probabilidade de não ter mais problemas.

MULHER – Pôssa, pôssa. *(parece paralisada)*

DIRETORA – Não quer? É para cancelar? *(afasta-se)* É para cancelar? *(como se falasse para fora)* É para cancelar o procedimento da dona Catarina.

MULHER – Eu tenho de pensar!

DIRETORA – Muito bem vá para casa, concentre-se. Lave a louça. Olhe, borde Catarina. Borde, borde que se vai sentir limpa por dentro. E aí pensa melhor.

MULHER *(não querendo ir embora)* – Não sei.

DIRETORA – Se fosse a sua filha a estar nesta situação, o que é que lhe dizia? O que é que dizia à sua filha? *(segura-lhe nas mãos)* “Mãe, deram-me 68% de probabilidade de cancro na mama e 60% de desconto numa mastectomia.”

MULHER – 68 de probabilidade e 60 de desconto...

DIRETORA – “O que é que tu fazias mamã?” *(baixa-se e coloca a cabeça no colo dela)* “Se o fizer dão-me 90% de probabilidade de não ter mais nada!”

MULHER – É como a Angelina Jolie?

DIRETORA *(irritada)* – Não. As percentagens dela não são as suas. Ela é uma mulher que foi ao Vietname adotar crianças. Fez o “Tomb Raider”, viu a saga? Ainda assim, eu diria que os 87% dela acabam por ser os seus 68%.

MULHER – Mas pode-se comparar assim? Pode-se comparar isso? Eu aqui no Porto, com o meu namorado, e ela em Beverly Hills com o Brad Pitt. Pode-se comparar uma coisa com a outra?

DIRETORA – Catarina, pode-se comparar tudo! Acredite! Agora inspire. Expire. Feche os olhos. Inspire. Expire. *(estala os dedos)* É para tirar? É para tirar? *(silêncio)* Mas não se precipite, porque eu tenho de ter a certeza que a Catarina tem a certeza.

MULHER – A certeza...

DIRETORA – Claro que, psicologicamente, estes 68% hoje equivalem para si a 90%. Porque ainda que rigorosamente haja sempre 32% de probabilidade de nada acontecer, a Catarina está a sentir estes 32% como se fossem apenas 10%. Não é verdade, Catarina?

Silêncio.

DIRETORA – E consegue viver com estes 10%, Catarina?

MULHER – Não sei.

DIRETORA (*desesperando*) – O que a Catarina quer é que eu decida por si, pelas suas mamas, pela sua filha, mas eu não vou entrar nesse jogo!

A MULHER olha para ela suplicante.

DIRETORA – Pare com isso, não conte comigo

MULHER – Esta situação... que nojo!

DIRETORA (*aproximando-se*) – Quer que eu maquilhe o número?

MULHER – Como?

DIRETORA – Quer que eu apresente o número de um modo mais agradável?

MULHER – Não percebo.

DIRETORA – São 68%. Você sabe e eu sei. Mas pode ajudar se eu disser que o número é outro. Sempre sabendo, claro, que é 68%... (*deambulando*) 52!

MULHER – 52 o quê?

DIRETORA – 52%, a probabilidade de cancro para si é de 52%.

MULHER (*hesitante*) – É melhor, não é?

DIRETORA – Que me diz a isto?

MULHER – É melhor...

DIRETORA – Marcamos?

DEZ

Um HOMEM de meia idade, agitado.

HOMEM – Não, não, não, não! Vocês estão enganados! Vocês não sabem do que estão a falar! O que vocês chamam doença, eu chamo “performance”. Eu nunca estive tão bem na minha vida! Eu agora atingi um equilíbrio, uma compreensão das minhas capacidades, que nunca tinha tido em 45 anos de vida! É fantástico! Eu estou literalmente a andar para trás no tempo! Literalmente não, eu sei que ainda tenho 45, não estou maluquinho! Mas basicamente chegou um dia em que eu disse para o meu corpo: “Deixa-te de merdas! Tu não tens a tua idade, corre caralho!” E comecei a correr! *(desata a correr, pára subitamente)* E nunca mais parei! Eu agora não ando, corro, corro para todo o lado. *(corre mais)* Ao princípio não foi fácil, claro, tinha dores, sobretudo nos joelhos, mas com a prática isso passou tudo! Eu insisti apesar da dor, compreendem, e fui fortalecendo o corpo todo! Eu agora tenho joelhos de porco! *(roda os joelhos)*. E deixei de usar sapatos, sapatos para quê? Nós dantes não usávamos sapatos, há cem mil anos, e corríamos para todo o lado, atrás dos mamutes, por cima das pedras, nadávamos, caçávamos... *(salta pelo espaço)* É um regresso aos primórdios, compreendem? É uma nova ligação *(inspira, sereno)* ao... tudo, percebem? Eu agora estou em perfeita sintonia, comigo, com o mundo, com a essência das coisas! E não posso parar *(começa a correr no lugar)*, nunca paro, nunca paro, parar é morrer! E quanto mais faço, mais sinto que posso fazer! E estou sempre atento, sempre a vibrar! *(salta, fingindo agarrar algo, cai ao chão, levanta-se rápido)* É um constante frémito, vocês não podem compreender... É um frémito, um furor, um coice! Até a dormir eu estou atento *(deita-se)*: durmo sempre oito horas por dia, num colchão duro como mármore, e acordo passadas oito horas exatas *(levanta-se muito rígido)* completamente descansado e focado! Às vezes até acordo alagado em suor, porque desenvolvi a capacidade de treinar mentalmente enquanto durmo, mas sem desgastar os músculos, porque estou a dormir, percebem?

O médico disse-me: “Oh homem, você tem o coração de um boi!” E eu perguntei: “Isso é bom?”, porque pensei naquilo do Ébola ter vindo do morcego, a Sida que veio do macaco, pronto, quando mete animais nunca se sabe... Mas não é bom, é fantástico! O meu coração tem um poder! Neste momento, que estou a treinar todos os dias, ele bate para aí umas... dez vezes por minuto! Vocês conseguem imaginar? *(imita o coração a bater devagar e o jacto de sangue a ser bombeado)*. É maravilhoso! Olhem bem para mim: não pareço mais novo do que sou? Eu agora sinto que, por cada ano que avanço, ando uns... três anos para trás. O meu objetivo é chegar a um ponto em que vou ter a flexibilidade de uma criança de 5, 6 anos, a resistência de um rapaz de 17 e esta motivação que tenho agora!

Dois responsáveis de diagnóstico estão a olhar para ele. Ele repara neles.

HOMEM – Eu percebo! Eu estou a ver nas vossas caras! Vocês estão a olhar para mim e a pensar: “Coitado! Tem 45 anos, tem o corpo todo lixado e está para aqui a delirar, a dizer que faz e acontece!”. Mas vocês pensam isso porque não percebem! Vocês pensam isso porque não sentem e, como não sentem, não sabem! Vocês não imaginam como é estar no meu corpo! *(pausa)* Vocês estão a pensar que eu estou maluquinho, não é? Eu vejo o vosso olhar de pena; mas deixem-me dizer-vos só isto: o vosso embaraço é a minha certeza de que estou no caminho certo!

Silêncio. Aparecem projetadas imagens de órgãos internos e procedimentos médicos.

HOMEM – O que é... (*aponta as imagens*) o que é...o que é que foi? (*silêncio*) O que é que eu tenho?

ONZE

DR. – O seu diagnóstico não é... fácil.

DR^a – Queremos dizer-lhe o que tem. Mas neste momento ainda não podemos dizer “Tem isto.”

DR. – Ainda é complicado. Só vamos poder dizer quando todas as portas estiverem fechadas e só ficar uma aberta.

DR^a – Há coisas que nos deixam a pensar “Será que...?”

DR. – “Será como...?”

DR^a – “Será?”

DR. – Estamos a jogar com probabilidades.

DR^a – Mas estamos no caminho certo.

DR. – É um processo moroso...

DR^a – Às vezes demora mais tempo, às vezes menos...

DR. – O senhor Carlos está na média.

DR^a – Neste momento ainda não podemos ajudá-lo...

DR. – Mas podemos apoiá-lo, tranquilizá-lo.

HOMEM / PACIENTE – Mas encontraram alguma coisa má?

DR^a – Não podemos dizer que encontrámos uma coisa “má”...

DR. – Temos dados que confirmam que não há nada de mal, mas ainda não podemos dizer isso.

DR^a. – Há sempre essa possibilidade.

DR. – No entanto, a possibilidade de ter alguma coisa má até pode ser boa.

DR^a – Toda a população tem algumas anormalidades no corpo.

DR. – Estamos a analisar.

DR^a. – Encontrámos irregularidades, mas ainda não podemos confirmá-las.

DR – Há coisas a bater dentro de si, temos é de perceber se o que bate está a bater certo.

PACIENTE (*apontando as imagens*) – Aquilo sou eu?

Os médicos calam-se, olham para trás, estudam as imagens em silêncio. Voltam a olhar para ele.

DR. – Não podemos dizer que seja o senhor Carlos, é uma ideia de como poderá ser o seu corpo por dentro.

DR^a – Isto é uma analogia. É meramente ilustrativo.

DR. – Isto não está a acontecer.

PACIENTE – Isto é o meu coração?

DR^a – É um coração muito semelhante ao seu...

PACIENTE – Isto é sangue?

DR. – É uma secreção que parece sangue...

PACIENTE – Isto é a minha coluna?

DR^a – Não, isto por acaso até é a minha...

PACIENTE – E estas partes, o que são?

DR^a – Isto são partes que vão encaixar noutras partes.

PACIENTE – Diga-me a verdade: eu tenho um cancro?

DR. – Não tem; por isso é que temos de ir à volta...

PACIENTE – E aquela coisa colorida?

DR^a – Ora aí está: neste momento estamos a tentar perceber se aquela coisa colorida o está a ajudar a prosseguir a sua vida, ou se está a piorar tudo.

DR. – Mas isso não é necessariamente negativo!

DR^a – É o que queremos perceber...

PACIENTE – Mas vamos perceber isso?

DR. e DR^a – Vamos perceber isso!

PACIENTE – Então isto não é real? É só uma animação!

DR. – Ui, se eu lhe mostrasse o que é real!

DR^a – Para já não tem com que se preocupar...

DR. – Isto é tudo metafórico!

PACIENTE – Desde o início?

DR^a – O senhor Carlos neste momento está ótimo!

DR. – Tem passado por isto com muita coragem!

DR^a – Neste momento quase podemos dizer que é um campeão!

DR. – Neste momento quase podemos dizer que está curado!

DR^a – Mas por enquanto não...

DOZE

Uma MULHER de meia idade, de aspeto sincero e simpático. Fala para a plateia.

MULHER – Boa noite. O meu nome é (*nome da intérprete*), tenho (*idade da intérprete*) e... há cerca de quatro meses atrás foi-me diagnosticada Doença de Alzheimer precoce. Foi uma notícia muito difícil de receber, sobretudo porque eu nunca imaginei que podia ter esta doença tão nova. Quero dizer, eu já não sou muito nova, para os padrões gerais da nossa sociedade, mas para os padrões da doença sim... É bastante raro desenvolver este tipo de Alzheimer, que tem uma origem hereditária, e que começa a manifestar-se logo a partir dos 40, ou seja, 20 ou 30 anos antes do que é suposto. Só cerca de 5% dos pacientes têm este tipo de caso e... calhou-me a mim. Como devem calcular, ao início eu senti uma grande revolta... mas a certa altura a minha atitude perante a doença começou a mudar, e eu comecei a pensar: para quê revoltar-me? A verdade é que eu neste momento sei que tenho pela frente uns 8 a 10 anos de vida e, se formos a ver bem, o médico que me deu a notícia pode morrer amanhã num desastre de automóvel... espero que não, porque é um ótimo médico (*riso*), mas o facto é que ele não sabe o que lhe vai acontecer e eu tenho uma oportunidade de me organizar, e de me preparar para aquele momento em que já não vou conseguir lembrar-me das coisas: organizar um arquivo de fotografias, escrever a minha própria biografia, para mais tarde me lembrar de mim... Mas a verdade é que eu percebi que estas coisas só são ser úteis para eu ser lembrada pelos outros, para a memória dos outros. Porque quando chegar a altura em que elas seriam mais úteis para mim, eu já não vou ter capacidade para reconhecer as pessoas nas fotografias, ou para perceber as frases que escrevi nas minhas próprias memórias. E quando percebi isto confesso que me fui um pouco abaixo e tive a sensação que não podia fazer nada para controlar, ainda que minimamente, os efeitos da doença.

Foi então que descobri que, em relação ao som as coisas são diferentes: o processamento auditivo é uma das últimas capacidades a ser destruída pela doença de Alzheimer. Um doente que, por exemplo, já não reconhece a fotografia de um familiar - porque já não consegue tratar neurologicamente - consegue ainda ser estimulado por músicas do seu passado e que associa a recordações, a momentos da vida e a pessoas. E até pode lembrar-se da letra e conseguir cantar a música. Para mim isto foi uma descoberta maravilhosa, porque a música sempre foi muito importante na minha vida.

Olha para a plateia e aponta uma zona.

MULHER – Eu tenho duas filhas, que estão aqui esta noite... Têm 9 e 12 anos o que significa que, daqui a uns anos, quando eu chegar à fase pior, são elas quem vai tomar conta de mim. E apesar de elas serem maravilhosas e gostarem muito de mim, eu confesso que tenho horror a imaginar que vão ser elas a escolher “a música que a mamã ia gostar de ouvir”. (ri) Só de imaginar que me põem o Justin Bieber ou os One Direction, e eu nem vou ter capacidade de dizer “Desliguem essa porcaria!”... (ri) É assustador! Por isso peguei em toda a música que fui guardando ao longo dos anos e comecei a preparar *playlists*, as *playlists* da minha vida, as *playlists* que me vão fazer lembrar de mim e do meu passado. Depois comecei a pensar: e se eu pudesse ajudar outras pessoas que também estão a lidar com esta doença? Se esta minha experiência pessoal pudesse, de algum modo, deixar uma marca, mesmo que pequena, neste estúpido Alzheimer que afeta tanta gente? E foi então que eu e o meu companheiro decidimos abrir um site dedicado precisamente a elaborar *playlists* personalizadas, que ficam armazenadas e podem mais tarde ser acedidas pelos cuidadores do paciente, quando ele já não for capaz. (assume um tom publicitário) Por apenas 9,99€ a pessoa tem acesso a uma subscrição anual, que inclui cinco *playlists* com trinta músicas, todas associadas a descrições pessoais e um grande conjunto de referências exteriores. E por apenas 14,99€ é possível também optar pelo nosso “Pacote Premium”, onde se tem acesso a dez *playlists* com cinquenta músicas, e ao bónus de uma lista de sugestões de outros temas relacionados por género ou por época. (regressa ao tom sincero) Espero sinceramente que esta iniciativa possa mudar de algum modo a vida dos que sofrem ou virão a sofrer de Alzheimer, como já mudou a minha. (olha para a plateia, hesitante) E porque nestas coisas convém terminar com um momento emocionante... (ri) vou partilhar convosco uma música que, por estranho que pareça, eu coloquei numa das minhas *playlists*. Peço-vos que tentem cantá-la comigo, e se calhar vão ficar espantados com aquilo que a vossa memória é capaz de guardar.

Ouve-se uma canção de há muito anos, conhecida e romântica. Ela cantarola envergonhada, pede ao público que cante as partes mais conhecidas, esquece-se de um bocado da letra, retoma mais à frente, ri-se, depois começa chorar. Limpa às lágrimas, rindo de novo.

MULHER – Obrigada! Boa noite!

Sai, deixando a música a tocar.

TREZE

Um AVÔ e a sua NETA estão sentados num consultório com um responsável pela ligação aos pacientes de um laboratório.

DR. (para o AVÔ) – Antes de mais, gostava de lhes transmitir os meus pêsames pelo... hm... o falecimento da sua filha (para a NETA) da sua mãe. Os meus pêsames.

Silêncio. Eles olham para ele sem reação.

DR. – Bom, nós pedimos que viessem cá porque estamos a tentar perceber qual foi exatamente a causa do... da... qual foi a doença que, enfim, vitimou a sua filha (*para a NETA*) a sua mãe.

AVÔ – Já sabem?

DR. – Estamos ainda a investigar para chegar a uma conclusão definitiva. Mas temos indícios que apontam para a possibilidade de uma doença hereditária. E nesse sentido precisamos de apurar até que ponto é que o senhor ou a sua neta podem também sofrer desta doença.

AVÔ – Eu? Eu estou bem!

DR. – Sim, mas o facto de o senhor se sentir bem não significa que não possa ser portador da doença.

AVÔ – Portador?

NETA – Mas então foste tu que passaste à mãe?

DR. – É isso que estamos a tentar perceber.

AVÔ (*para a NETA*) – É isso que estamos a tentar perceber. (*para o DR.*) Mas ela tem razão? Fui eu que matei a minha filha?

DR. – Não se trata de matar! Nas doenças hereditárias os pais não matam os filhos, é uma coisa que não controlam.

AVÔ – Então para que é que quer saber se eu estou bem?

DR. – Pois, precisamente, temos de perceber melhor como se poderá estar a transmitir a doença dentro da família. O senhor pode até nem estar doente...

AVÔ – Então não vale a pena perder tempo comigo! Eu já não apanho, que sou velho. A doença não anda para trás nem para os lados, anda para a frente, não é? Temos é que ver se ela tem (*aponta a NETA*).

NETA – Eu estou doente, Dr.?

AVÔ – Ela está doente?

DR. – Calma, vamos com calma.

NETA – Não pode ter sido a avó a passar?

AVÔ – A avó da tua mãe?

NETA – Não, não é a tua mãe. A minha avó!

AVÔ (*para o DR.*) – Pois, não pode ter sido a mãe dela? Da minha filha?

DR. – Calma! Eu tenho de vos fazer algumas perguntas primeiro, para recolher informação necessária, sem a qual não podemos avançar. Podem dizer-me as vossas idades?

AVÔ – Eu tenho 78.

NETA *(ri)* – Oh avô! 77!

AVÔ – 77 a fazer 78. Faço para o mês que vem, vai dar ao mesmo! E tu, estás com quantos?

NETA – 12.

Silêncio. O DR. olha para ela confuso. Aponta as idades num papel.

AVÔ – É preciso tirar sangue?

DR. – Por agora não vamos fazer exames propriamente ditos...

AVÔ – Não faz exames? Então como é que sabe se estamos doentes?

DR. – Eu hoje vou apenas tentar traçar o historial clínico da família.

AVÔ – Historial?

DR. – Sim, as doenças que tiveram, por exemplo, os seus pais, os pais da sua esposa, os seus irmãos... Temos de olhar para trás para perceber...

AVÔ *(interrompe)* – Oh sotôr, para trás mija a burra! O que é que interessa que doenças teve essa gente toda? O que interessa é a miúda! *(para a NETA)* Senta-te direita!

DR. – Pois, mas para percebermos se a... miúda está em risco, temos de descobrir de onde pode ter vindo a doença. Os seus pais, por exemplo.

AVÔ – O que é que têm? Já morreram!

DR. – De causas naturais?

AVÔ – O meu pai morreu com um trator. Virou-se. A terra onde ele trabalhava era em socalcos, só dava para lavrar de trator, e às vezes os tratores viravam. Mas era natural, eram tratores daqueles antigos que tinham o peso mal distribuído, tinham o motor meio de lado e aquilo virava muito. Era natural... agora não, os tratores agora já têm o peso bem distribuído, é mais fácil.

DR. – E a sua mãe?

AVÔ – A minha mãe morreu com um bicho nos intestinos. Não foi natural, aquilo era bicheza que andava nas águas. A água que nós bebíamos era água da mina, e uma vez as águas das fossas contaminaram a mina, e passou o bicho. *(para a NETA)* A tua avó.

NETA – Bivó!

AVÔ – Isso, a tua bivó. Tu já alguma vez tiraste sangue?

NETA – Já.

AVÔ – Estás com quantos?

NETA – Fiz 14 agora.

AVÔ (*dá-lhe uma palmada na mão*) – Pára de mexer nas unhas.

O DR. olha confuso para ela, depois para o papel. Corrige a idade que tinha apontado.

AVÔ (*para o DR.*) – Acha que foi um deles que me passou a doença?

DR. – Ainda é cedo para tirarmos esse tipo de conclusão. Eu, para já, estou só a tentar perceber...

AVÔ (*interrompe*) – E eu agora vou morrer como a minha filha? Deixe lá, não me interessa saber!

NETA – Oh avô, é melhor saber. Assim sempre podias morrer de outra coisa.

AVÔ – Quero lá saber! Disto até se morre bem...

NETA – Olha, morrias a dormir, não era melhor?

AVÔ (*para o DR.*) – Também lhe digo: se alguém me passou a doença foi o meu pai. Tinha muito mau feitio. A minha mãe era uma santa, não me ia passar uma coisa destas! É verdade que era um bocado... instável.

DR. – Instável como?

AVÔ (*para a NETA*) – Não era, a tua bisavó?

Ela ri-se a despropósito.

DR. – Mas como assim?

AVÔ – Era instável, era instável! Tinha altos e baixos. Era a maneira de ser...

DR. – E com que idade morreu?

AVÔ – 50... (*pensa*) menos, 40.... Trintas... era nova!

DR. (*desesperando*) – E a sua esposa?

AVÔ (*como se já tivesse dito*) – Instável.

NETA – Não, isso era a bivo!

AVÔ – Exato, e ela sai à mãe.

NETA – À mãe?

AVÔ – Sai à mãe dela; naquela altura as mulheres eram todas muito instáveis.

DR. – Mas eu não me estou a referir à maneira de ser! Isso não é relevante. Eu preciso de saber como é que é a saúde dela.

AVÔ – É boa!

NETA – A avó passa a vida no Centro de Saúde.

DR. – Porquê?

AVÔ – Ora porquê? Porque é que acha? Para se distrair! Não tem nada que fazer, as amigas vão lá, fica ao lado da padaria...

DR. – Eu reformulo a pergunta: qual foi o último problema que a levou ao Centro de Saúde?

AVÔ – Um pé inchado.

NETA – Caiu nas escadas.

AVÔ – Não foi nas escadas, foi na raiz de um carvalho. Mas fora isso não tem mais nada... É instável, pronto. É instável.

DR. – Eu peço-lhe que pare de dizer a palavra “instável”, que não ajuda nada à compreensão dos problemas de que estamos a falar. E não é por dizer a palavra várias vezes que ela vai começar a fazer sentido.

AVÔ – O que é quer que eu lhe diga? Eu estou aqui para perceber o que é que matou a minha filha! O sôtor vem-me falar dos meus pais, da minha esposa... Não percebo! Parece que está doido para descobrir um culpado! Deixe isso da mão! O que é que interessa quem é o culpado? O que interessa é a miúda! Tem a vida toda pela frente! (*agarra na cara da NETA*) Olhe para isto! (*para a NETA*) Tu estás com quantos agora?

NETA – 16.

AVÔ – É a cara da mãe quando tinha a idade dela! Não é bonita? E nem um dente cariado! Veja bem! (*mostra os dentes da NETA como se fosse um cavalo*).

DR. – Mas... (*confere o papel*) O senhor que idade tem?

AVÔ – Setenta e... (*pensa*) sete. Já lhe disse!

O DR. levanta-se e vira-lhes as costas, tentando acalmar-se. O AVÔ pega no papel com as notas do médico e fica a lê-lo com a neta. O DR. volta à mesa e arranca-lhe o papel das mãos.

DR. – O senhor por acaso é um profissional de saúde?

AVÔ – Não.

DR. – Então não vai perceber o que eu escrevi!

AVÔ – Mas eu estava a perceber.

DR. – Não, não estava! A linguagem clínica é muito específica, é impossível a quem não a conhece perceber alguma coisa. É como se estivesse escrito em alemão.

AVÔ – Também percebia, porque eu estive emigrado em Frankfurt nos anos 60.

DR. – Voltemos ao que interessa: o senhor tem irmãos?

AVÔ – Sim.

DR. – Quantos irmãos tem?

AVÔ – Quantos tenho ou quantos tive? Não é a mesma coisa...

DR. – Portanto alguns deles já morreram.

AVÔ (*irritado*) – Lá está você! O que é que isso interessa? Claro que já morreram!

DR. – Eu estou a tentar estabelecer o estado clínico...

AVÔ (*interrompe*) – É o estado morto!

Dr. – Pronto, mas diga-me então mais ou menos há quanto tempo morreram!

AVÔ – Sei lá eu, o tempo passa a correr!

DR. – Mas... pronto, morreram de quê, lembra-se?

AVÔ – A Manuela e o Delfim morreram de... coisas de bebés, dantes os bebés morriam muito, era natural, estranho era quando não morriam. Até tivemos sorte: éramos cinco, ficámos três. Entretanto o António morreu da próstata, ficámos eu e a Maria, que é a mais nova! (*para a NETA*) É mais nova, não é, a tua tia avó Maria?

NETA – A mãe do primo José.

AVÔ – Pois, é mais nova!

NETA – O primo tem mais quinze do que eu, portanto está com... 35.

AVÔ – Eu tenho 77... é fazer as contas.

O DR. volta a levantar-se desesperado.

DR. – Bom, eu acho que é melhor marcar um novo encontro para breve. Podemos falar melhor e pedia-lhe, por favor, que trouxesse a sua esposa consigo.

AVÔ – E para que é que quer outro encontro? Ainda não sabe tudo o queria saber?

DR. – Eu vou precisar de...

AVÔ (*interrompe*) – Estamos aqui há uma eternidade e você ainda não descobriu mais nada? Diga-me: do que é a que a minha filha morreu? E a minha neta, vai morrer disso também? E se sim, mais ou menos dentro de quanto tempo? Que é para eu começar a organizar a minha vida!

DR. – Mas eu não posso dizer isso agora!

AVÔ – Pois não, você não diz nada! Neste tempo todo não soube dizer nada! O que é que disse? (*senta-se na cadeira do DR. e fala com a NETA*) O sotôr disse que tu, por enquanto, não tens nada, mas podes vir a ter. Eu se calhar tenho a doença e posso vir a ter qualquer coisa má ou não.

NETA – Não disse nada.

DR. *(sentando-se na cadeira dele e começando a imitá-lo)* – Mas qual doença?

AVÔ – A que matou a minha filha!

DR. – Mas que doença é?

AVÔ – É a doença que nós passamos na família!

DR. – Mas como é que sabe que tem uma doença que passa na família?

AVÔ – Foi o sotôr que nos disse!

DR. – Mas qual sotôr?

AVÔ *(apontando para ele)* – Você! Logo ao início! Não me diga que já não se lembra!

O DR. abre a boca, mas fica sem resposta. A NETA levanta-se.

NETA *(agarrando a mão do DR.)* – Vamos embora, avô, que este senhor não nos percebe!

CATORZE

Três investigadores. Trazem um contentor com partes de galinha e porco. Trazem um tabuleiro com instrumentos de análise. Instalam-se e distribuem os instrumentos. Analisam os tecidos de forma séria. Colaboram enquanto equipa, trocando de lugares e de instrumentos.

Subitamente o trabalho perde seriedade: os investigadores cumprimentam-se e acariciam-se com as patas de galinha, que também servem de brincos; faz-se malabarismo com os pedaços de carne; um coração de porco bate de amor e é depois empunhado por um protagonista de Shakespeare em récita; um duelo de espadas improvisadas com os instrumentos de análise termina com o coração trespassado. O coração é levado para reanimação cardíaca; o ritmo da reanimação transforma-se em batida de discoteca e alimenta uma festa. O coração não sobrevive; os investigadores, tristes, despedem-se dele e depositam-no de volta no contentor, em jeito de funeral.

QUINZE

O DIRETOR de um laboratório, uma INVESTIGADORA principal e um ESTAGIÁRIO estão numa sala de pressão positiva. Algures no chão vê-se uma grande e exótica pena de pássaro. Os três cientistas descontaminam-se.

DIRETOR – Dois anos! *(levantando os braços)* Descontaminado.

ESTAGIÁRIO – Dez horas por dia! *(levantando os braços)* Descontaminado.

INVESTIGADORA – Houve alturas em que eu só queria rebentar com isto tudo! *(levantando os braços)* Descontaminada. Tantos sacrifícios que ficaram para trás...

ESTAGIÁRIO – Aniversários perdidos, natais... *(melancólico)* até funerais!

DIRETOR – Mas tanta glória à nossa frente!

O ESTAGIÁRIO vê a pena.

INVESTIGADORA – Resultados validados, imprensa, publicações!

DIRETOR – *Sponsors*, fama!

INVESTIGADORA – Tudo validado!

A INVESTIGADORA e o DIRETOR olham embevecidos para um recipiente enquanto o ESTAGIÁRIO tenta chamar a atenção para a pena. Os outros reparam, finalmente. Os três rodeiam a pena, estupefactos. O DIRETOR pega nela.

ESTAGIÁRIO – Eu diria que é uma pena.

DIRETOR (*para a INVESTIGADORA*) – Isto é uma sala de pressão positiva. Aqui não entra uma bactéria. E entrou uma pena?

INVESTIGADORA (*gaguejando e hiperventilando*) – É uma pena, uma pena, uma p... Tem que haver uma explicação racional!

ESTAGIÁRIO – Tenha calma. Respire!

INVESTIGADORA (*ajoelhando-se e gritando*) – É uma pena! Uma pena!

ESTAGIÁRIO – Tenha calma. Podemos... afastar a pena? (*abana os braços e pernas, tentando fazer mover a pena*)

DIRETOR – Doutora, explique ao seu assistente a gravidade da situação, já que ele parece acreditar que afastando a pena irá validar os resultados.

ESTAGIÁRIO – Os resultados? Mas nós temos dezoito resultados para apresentar! A pena não vai prejudicar tudo... pois não?

DIRETOR – A responsabilidade não é minha.

ESTAGIÁRIO – Anos de sacrifício!

INVESTIGADORA (*para o ESTAGIÁRIO*) – Ai, não me venha outra vez com a morte dos seus paizinhos!

DIRETOR – Calma, Doutora. Nós somos uma equipa, temos cultura, temos balneário, aqui não existe o conceito de desistir!

ESTAGIÁRIO – Mas existe uma pena.

INVESTIGADORA – Resolve-se, Cristóvão. A pena... *(aproxima-se da pena)* resolve-se!

ESTAGIÁRIO – Resolve-se? Resolve-se como?

A INVESTIGADORA agarra a pena e troca um olhar cúmplice com o DIRETOR.

ESTAGIÁRIO – Vocês não me podem deixar de fora desta decisão! Eu também assinei o artigo.

INVESTIGADORA – Assinámos todos, meu querido.

DIRETOR – É preciso fazer concessões.

INVESTIGADORA – A verdade é uma coisa muito difícil de sintetizar... *(pisa a pena e arrasta-a debaixo do pé, tentando ocultá-la)*

ESTAGIÁRIO – Não!

DIRETOR *(para a INVESTIGADORA)* – É como eu digo sempre: a democracia num laboratório é uma coisa muito chata de gerir.

ESTAGIÁRIO – Não!

INVESTIGADORA *(para o ESTAGIÁRIO)* – Não? Não o quê? Quer enterrar a sua carreira? Quer ir trabalhar para as urgências dum hospital público? Um cientista como você?

DIRETOR *(ajoelhando-se dramaticamente)* – Quer ver-me a fazer *haraquiri* por causa de uma vergonha destas?

ESTAGIÁRIO – Não... mas...

Silêncio.

DIRETOR – Ora vamos lá então pôr os pontos nos... *((faz o gesto de colocar os pontos nos i's))*

INVESTIGADORA – A pena desaparece!

ESTAGIÁRIO – Desaparece como?

INVESTIGADORA – Alguém vai ter de a engolir.

DIRETOR *(afastando-se)* – Eu preferia não me envolver diretamente nesta solução.

A INVESTIGADORA olha para o ESTAGIÁRIO fixamente.

ESTAGIÁRIO – Eu não vou engolir a pena sozinho!

INVESTIGADORA – Então, somos uma equipa ou não somos uma equipa? *(olham uns para os outros)* Vá lá, engolimos a pena todos juntos.

Dividem a pena em três: um bocado pequeno para o DIRETOR, um bocado médio para a INVESTIGADORA, um bocado grande para o ESTAGIÁRIO. Engolem a pena devagarinho e com dificuldade.

DEZASSEIS

Dois médicos exemplificam dois casos clínicos, intervindo sobre os corpos de um homem e de uma mulher. Vão lendo alternadamente a informação num relatório.

MÉDICO 1 *(lendo relatório)* – A paciente apresentou-se aos serviços com um quadro típico de cardiopatia congénita, implicando substituição de válvulas, reparação de artérias e até um transplante completo.

ELA – Não, não! Isso não!

MÉDICO 2 *(lendo relatório)* – O paciente apresentou-se aos serviços com um quadro típico de hipocondria, queixando-se de numerosas patologias graves de carácter oncológico, neurológico, respiratório, alérgico, entre outras.

ELE – Ficou bem, não ficou? Ficou bem?

MÉDICO 1 *(lendo relatório)* – No momentos das várias cirurgias agendadas, a paciente apresentou sempre estados agudos de ansiedade que impediram a concretização das intervenções. Contra todas as probabilidades, a paciente foi sobrevivendo sem qualquer intervenção cirúrgica.

ELA – Não corta, não vale a pena, não é preciso.

MÉDICO 2 *(lendo relatório)* – Colocado sob observação, o paciente não revelou sintomas de nenhuma das patologias inicialmente temidas. A intervenção dos colegas da Psiquiatria assinalou apenas uma “consciência aguda da sua própria fragilidade” e uma “forte determinação em eliminar todos os fatores de risco”.

ELE – É um simples corte, é necessário, tem de ser substituído.

MÉDICO 1 *(lendo relatório)* – A intervenção dos colegas da Psiquiatria permitiu compreender que a paciente recusava qualquer quadro de substituição de válvulas, implantação de *pacemaker* ou transplante, por temer a “perda de identidade emocional”.

ELA – Mexer no meu coração? Mexer no meu coração?!

MÉDICO 2 *(lendo relatório)* – Em momentos posteriores, o paciente apresentou-se aos serviços de urgência após sucessivos acidentes que conduziam forçosamente à amputação de vários membros. Existe a forte suspeita que o paciente tenha provocado os alegados acidentes para forçar a colocação de próteses.

ELE – Foram acidentes! Acidentes. E depois... uma coisa levou à outra.

MÉDICO 1 (*lendo relatório*) – O quadro clínico foi cuidadosamente explicado à paciente, mas esta manteve-se inflexível na sua decisão de não deixar que lhe “mexessem no coração”. O prognóstico mantém-se reservado.

ELA – Não autorizo. O meu coração nas vossas mãos? Não autorizo.

MÉDICO 2 (*lendo relatório*) – O paciente – cuja ansiedade diminuiu com cada intervenção - desenvolveu entretanto competências relevantes no campo da biotecnologia e robótica. Atualmente depende em mais de 80% de próteses tecnologicamente inovadoras que manipula com grande destreza.

ELE – Ainda acho que há ligações à robótica que não explorámos devidamente.

DEZASSETE

MR. ALZHEIMER, uma pessoa que não se lembra de nada e DON FUNES, uma pessoa que se lembra de tudo, são confrontados com imagens, numa espécie de concurso de lembranças.

Imagem de uma praia.

MR. ALZHEIMER (*hesita*) – É... é o mar... e é...

DON FUNES – O último verão na Marinha Grande, a praia tinha umas rochas mais a sul que se tornavam visíveis à quarta hora da maré baixa. Eu comia sempre Cornettos. Quase sempre de chocolate. Às vezes de morango. De vez em quando de nata. Mas sempre Cornettos. Os meus amigos nunca comiam Cornettos. Comiam dos outros, dos de pauzinho: Super Maxi, Perna de pau, Fizz Limão. Era desagradável. Eles todos com os de pauzinho e eu sozinho com o meu Cornetto. Depois percebi que ou deixava de comer Cornettos ou mudava de amigos. A praia era linda, linda

MR. ALZHEIMER – Linda... muito linda...

Imagem de José Sócrates.

MR. ALZHEIMER – É um senhor... eu lembro-me... parece...uma gravata...

DON FUNES (*tentando sussurrar a resposta a Mr. Alzheimer*) – Sócrates, Sócrates. (*normalmente*) José Sócrates. Antigo Secretário-Geral do Partido Socialista. Primeiro-Ministro de março de 2005 a junho de 2011 no XVII e XVIII governos constitucionais. Foi-se embora para Paris e deixou Portugal à beira da bancarrota. Passou a exercer atividade como comentador num canal público de televisão. Aquela gravata é igual a uma que o meu pai só usou oito vezes.

MR. ALZHEIMER – É! É a gravata do meu pai...

Imagem de um engarrafamento.

DON FUNES (*sem deixar que MR. ALZHEIMER abra a boca*) – Engarrafamento. Na primeira viagem que fiz a Lisboa. Com o meu pai. Ficámos parados atrás de um autocarro. Matrícula 79 – 08 – BN. Estavam uns velhotes no banco de trás do autocarro que olhavam para nós e faziam sinais e acenavam, mas eu não lhes respondia. À minha direita estava uma senhora num carro verde, um Seat Marbella – não dava para ver a matrícula - que colocava baton e olhava para cima, para o espelho.

Imagem de Valter Brandão com camisola do Sporting.

MR. ALZHEIMER – Do Sporting? É do Sporting?

DON FUNES – O sr. Valter, uma glória do desporto de Espinho. Jogou hóquei em patins, voleibol e sobretudo futebol. Jogador do Espinho, foi transferido para o Sporting – anos 50, as transferências eram muito complicadas – transferido para substituir um dos cinco violinos. Marca um golo ao Porto, que muitos continuam a dizer que terá sido com a mão mas que ele garante que não foi. Depois arranhou um emprego na Solverde.

MR. ALZHEIMER diz que sim, como se se lembrasse de tudo.

Imagem do ataque ao World Trade Center.

MR. ALZHEIMER – Está a sair fumo... está...

DON FUNES (*tentando sussurrar a resposta a MR. ALZHEIMER*) – 11 de Setembro, 11 de Setembro. (*normalmente*) 11 de Setembro de 2001. Uma terça-feira. Ataque coordenado da Al-Qaeda contra as torres do World Trade Center. O vôo 11 da American Airlines na Torre Norte e o 175 da United Airlines contra a Torre Sul. A minha mãe tinha feito arroz de pato para o almoço e a partir dessa altura introduziu-se o controlo de dados biométricos nos aeroportos.

MR. ALZHEIMER – Morreram pessoas...? Pessoas?

Imagem de um velório.

MR. ALZHEIMER – É uma banheira? Está na banheira, não está?

DON FUNES – Um caixão. Está no caixão. O meu avô deitado, com o fato azul marinho que usava nos casamentos e baptizados. O meu pai a dar-me a mão e uma sucessão de abraços com cheiro a tabaco e perfumes: (*recordando a ordem dos abraços*) baunilha, canela, tabaco, patchouli, tabaco, tabaco, noz-moscada, baunilha outra vez, tabaco, limão, noz-moscada, tabaco, tabaco, tabaco, tangerina, outra tangerina seguida, partilharam o perfume, manjeriço, lima, tabaco, cravo, tabaco, tabaco.

MR. ALZHEIMER – O caixão de quem?

DEZOITO

Um HOMEM de meia idade faz uma apresentação, apoiado por um power point. Dirige-se à plateia.

A projeção mostra gráficos diversos.

HOMEM – 0,5 %. Fixem este número. Fixem este número porque vamos acabar com ele. Os números da Organização Mundial de Saúde, demonstram que a percentagem de mulheres que em Portugal vai sofrer de cancro na mama é de 0,5%. Zero vírgula cinco por cento! Pensem nisso. É uma percentagem muito significativa. Significa uma em cada 200 mulheres.

A projeção mostra fotos de dezenas de mulheres.

HOMEM – Eu tenho duas irmãs. Tenho duas filhas. E a minha esposa. São as cinco mulheres mais importantes da minha vida. Será que alguma delas terá que enfrentar um cancro da mama?

A projeção continua a mostrar gráficos.

HOMEM – E, em cada 200 mulheres efetivamente com cancro da mama, pelo menos 26 irão morrer. Vinte e seis! E todas elas terão que suportar tratamentos terríveis e desgastantes do ponto de vista físico e psicológico. E, claro, muitas terão que fazer mastectomias, vivendo o resto da vida com a sensação de perda. Ok, dizem vocês, isso até pode ser verdade, mas há imensas mulheres perfeitamente saudáveis. Sim, é verdade. Mas serão cada vez mais as mulheres doentes.

A projeção mostra gráficos com dados oficiais.

HOMEM – A Agência Internacional para a Pesquisa do Cancro já avançou os números para Portugal. Vejam: 6479 casos em 2020... 6834 em 2030... sabe-se lá a que números chegaremos no final do século!

A projeção mostra gráficos especulativos.

HOMEM – 10 000? 15 000? 30 000?

A projeção mostra a imagem de duas mamas como bombas-relógio.

HOMEM – E é agora que eu pergunto: Para quê?

A projeção mostra imagens de leões a amamentar.

HOMEM – Ok, respondem vocês, porque é essencial para a amamentação. Mas será mesmo assim? Afinal, não queremos todos o que é melhor para todos? E cada um de nós não quer o melhor para si? E se fosse possível, à nascença, inibir o crescimento das glândulas mamárias das fêmeas, para que se desenvolvessem exatamente do mesmo modo das glândulas dos machos? Sabem qual é a taxa de incidência do cancro da mama nos homens? Adivinham? *(pausa)* Eu digo: 1 em 20 000! Portanto, se multiplicarmos pela taxa de sobrevivência, é uma morte em cada 200 000 homens. Isto quer dizer que é mais provável ser atropelado no deserto do Sahara do que morrer de cancro de mama. Se formos homens, claro! Ok, dizem vocês, mas o leite materno tem propriedades importantes para a imunidade do bebé. Importantes sim, mas determinantes não. Ok, vocês outra vez, mas e os laços afetivos da amamentação, o cheiro, a relação? Perguntem a uma mãe que optou pelo biberão se acha que os laços com o filho são menores. E mais, pensem agora pelo lado do bebé: prefiro um peito com um risco assustador

de cancro para a minha mãe ou um biberão sem risco nenhum? Parece óbvio, não? Esperem, estou a esquecer-me de uma coisa. Se calhar as mulheres iam ficar menos bonitas? Porquê?

A projeção mostra imagens de mulheres com tamanhos de peito diversos.

HOMEM – Uma mulher com glândulas mamárias maiores é mais bonita do que uma que as tem menores? E os homens não são bonitos por as suas glândulas não se desenvolverem? Afinal, a questão essencial é biológica ou cultural? E é justo as mulheres morrerem por uma questão estética?

A projeção mostra imagens de mulheres sem peito.

HOMEM – Pensem: um mundo sem cancro da mama. Sem dor, sem trauma, sem radioterapia e quimioterapia. Um mundo sem mastectomias. Sem a dor de perder um ente querido. Sem o sofrimento de morrermos antes dos nossos filhos crescerem. Não queremos todos o que é melhor para todos? E cada um de nós não quer o melhor para si? *(pausa)*

A projeção mostra o número 4.

HOMEM – Durante o dia de hoje, morreram em Portugal 4 mulheres com cancro da mama. Não sei os seus nomes, mas sei que não valeu a pena. Vamos inibir o crescimento das glândulas mamárias femininas. Vamos vencer o cancro. Obrigado!

DEZANOVE

Um HOMEM e uma MULHER de meia idade, sentados numa clínica de manipulação genética, como se estivessem num restaurante. Estudam os menus.

MULHER – Não sei bem o que pedir...

HOMEM – Menina?

MULHER – Menino.

HOMEM – Menino.

Tempo.

MULHER – Só um?

HOMEM – Dois.

MULHER – Dois meninos? Um menino e uma menina? Gémeos? Um casal de gémeos?

HOMEM – Vamos num casal de gémeos. Acho que tem muita saída.

Tempo.

MULHER – Com olhos claros. A música é agradável. Gostas?

Tempo.

HOMEM – Temos que escolher a personalidade. Humor?

MULHER – É bom.

HOMEM – Então, de zero a dez, sendo zero “frio como o gelo” e dez “o bobo da festa”.

MULHER – Mas não em demasia. Há uma linha fina entre ser divertido e ser visto como maluco.

HOMEM – Sete. Paciência? De zero a dez.

MULHER – Não queria que eles fossem daquelas pessoas que abrem a janela para desatar a gritar nos semáforos.

HOMEM – Mas podem buzinar para protestar?

MULHER – Sim.

HOMEM – Cinco. Tristeza?

MULHER – Ui, eu evitava isso.

HOMEM – Se calhar só um bocadinho, para reforçar a sensação de felicidade associada à sua ausência. Dois.

MULHER – Inteligência e motivação? Separados e de zero a dez.

HOMEM – Eu acho que lhes dava mais motivação que inteligência. E obrigava-os a trabalhar para atingirem os seus objetivos.

MULHER – Oito e nove.

HOMEM – Pronto. Está feito. Escolhemos já as doenças?

MULHER – Pode ser.

HOMEM - O que é que te parece, amor? Temos de escolher uma combinação de três.

Ambos lêem a ementa, progressivamente horrorizados.

HOMEM – Tendência para AVC's, Risco acrescido de Diabetes...

MULHER – Miopia...

HOMEM – Possibilidade de Alzheimer, Possibilidade de problemas cardíacos, Risco acrescido de cancro da mama...

MULHER – Cancro da mama, Calvice precoce...

HOMEM – Tendência para a Arteriosclerose, Depressão Crónica.

MULHER – É tudo crónico! Tudo para a vida!

HOMEM – Diabetes? Para terem de andar agarrados à insulina?

MULHER – É melhor que AVCs.

HOMEM – Mas repara que nos AVCs é só uma tendência e nos diabetes é um risco acrescido.

MULHER – Para o menino eu escolhia já calvice e miopia, parecem-me as melhores.

HOMEM – Fica a faltar uma.

MULHER – O Alzheimer parece-me bem, sabes, é... porque em princípio vem mais tarde na vida.

HOMEM – Boa! Miopia, calvice e Alzheimer para o menino. E para a garota?

MULHER – Calvice não! Mas miopia sim, são irmãos...

HOMEM – Precisamos de mais duas. Risco acrescido de cancro da mama?

MULHER – Não, amor! Essa não, por favor.

HOMEM – Então, possibilidades de problemas cardíacos...

MULHER - Possibilidades... pode ser.

HOMEM - ... e tendência para Arteriosclerose.

MULHER - Tendência... está bem.

HOMEM – E isto agora é o quê? (*lê*) “Marcadores de humanidade”...

MULHER (*lendo*) – Autoconsciência, Capacidade para mudar, Atividade do neocórtex...

HOMEM – ... Sentido do futuro, Sentido do passado...

MULHER – Eu acho que os gorilas também têm isto.

HOMEM – Dizemos que sim a tudo. (*pausa*) E para acabar: A longevidade.

MULHER – Achas que eles vão querer saber isso?

HOMEM – Claro! Não seria humano não saberem.

MULHER – E nós, queremos saber isso?

HOMEM – Eu não quero surpresas. Se for para viverem muito pouco, pode nem valer a pena.

MULHER – Sabes, amor, eu já quis saber isso... mas agora não tenho tantas certezas.

Tempo. A música do restaurante sobe de intensidade romântica. Dão as mãos pela primeira vez.

VINTE

Três pessoas sentadas, fumando cigarros eletrónicos.

PESSOA 1 – É... agradável. (*fuma*) Agradável, não... Sim, de certo modo... agradável.

PESSOA 2 – O travo é agradável, mas ligeiramente ácido...

PESSOA 3 – Como a vida! (*sorri satisfeito*)

PESSOA 2 – O sabor é...

PESSOA 1 – Agradável.

Fumam.

PESSOA 2 – Quantos sabores existem?

PESSOA 1 – Imensos!

PESSOA 3 – O céu é o limite!

PESSOA 1 – Ou era...

Riem, afetados. Fumam.

PESSOA 1 – Olhando agora, é lamentável... (*fuma*) Não é bem “lamentável”...

PESSOA 3 – Tinha algumas expetativas?

PESSOA 1 – Expetativas de quê?

PESSOA 3 fuma. Não encontra a resposta.

PESSOA 2 – Ao início isto parecia mais fácil...

Fumam.

PESSOA 1 – Penso que provavelmente... Ou melhor, penso que seguramente... não é bem esta a palavra... (*fuma*)

PESSOA 3 – “Com toda a probabilidade”.

PESSOA 1 – Eu procurava um advérbio de modo.

PESSOA 2 – Terminado em “mente”, portanto.

PESSOA 1 – Mas dizendo a verdade.

PESSOA 3 – Possivelmente?

Fumam.

PESSOA 1 – Penso que, possivelmente, quando isto acabar... algo de mais planeado virá.

Silêncio. Fumam.

PESSOA 3 – Pode repetir?

PESSOA 1 – Possivelmente, quando isto acabar algo de mais planeado virá.

Fumam.

PESSOA 2 – Planeado?

PESSOA 3 – É duvidoso...

Fumam.

PESSOA 2 – Possivelmente, quando isto acabar algo de melhor virá.

PESSOA 1 – Melhor?

Olham uns para os outros. Desatam a rir.

PESSOA 1 – O que é preferível? Algo planeado, independentemente de ser melhor, ou algo de melhor, independentemente de ter sido planeado?

PESSOA 3 – Estamos a jogar com palavras.

PESSOA 1 – E se for novo?

PESSOA 2 – Possivelmente, quando isto acabar algo de novo virá.

Fumam.

PESSOA 2 – Não é necessariamente melhor...

PESSOA 3 – Experimente com diferente.

PESSOA 1 – Possivelmente, quando isto acabar algo de diferente virá.

Fumam.

PESSOA 3 – Melhor, novo, diferente, planeado...

PESSOA 2 – Só podemos escolher uma?

PESSOA 1 – E se for natural?

PESSOA 2 – Natural?

PESSOA 3 – Planeado pode ser natural. Se estiver na nossa natureza planear...

PESSOA 2 – Eu diria previsível.

PESSOA 3 – Previsível!

Fumam.

PESSOA 1 – Previsível é bom. Não assusta, mas também não é totalmente planeado. Dá um certo conforto.

PESSOA 3 – Estamos a ficar com palavras a mais. Temos de começar a descartar.

PESSOA 2 – Não vamos descartar o melhor, por favor!

PESSOA 3 – Eu diria que o diferente está contido no novo.

PESSOA 1 – Nem sempre!

PESSOA 2 – O planeado é necessariamente previsível, mas o contrário não...

PESSOA 1 – Recapitulando: Temos novo - que nos dá esperança -, melhor - que dá alegria -, planeado - que dá segurança -, natural - que dá harmonia -, e previsível – que dá tranquilidade. *(pausa)* Descartamos o diferente.

Silêncio. Fumam.

PESSOA 1 – Estamos de acordo?

Fumam.

PESSOA 2 – Isto é difícil.

PESSOA 3 – E termos de decidir assim, só entre nós...

Fumam. Expressões hesitantes, insatisfeitas.

PESSOA 1 – Se não estivermos de acordo, esperamos. Damos tempo ao tempo.

PESSOA 2 – Ponderamos melhor?

PESSOA 3 – Podemos ficar aqui mais algum tempo.

PESSOA 2 – Inevitavelmente vamos ter de escolher uma.

PESSOA 1 – Mas por agora podemos só ficar aqui... a desfrutar.

Fumam.

PESSOA 3 – Estamos de acordo.

Fumam.

FIM